

AS LEIS DA MEDICINA: ANOTAÇÕES COTIDIANAS SOBRE UMA CIÊNCIA INCERTA

Paulo Sávio Angeiras de Goes¹, Tereza Adriana Miranda de Almeida²

¹ Professor Associado da UFPE, Coordenador de Pesquisa da FMO, ² Diretora de Relações Institucionais da FMO

Siddhartha Mukherjee, famoso professor e pesquisador da Universidade de Columbia de Nova Iorque, traz reflexões no seu livro *As leis da medicina: anotações cotidianas sobre uma ciência incerta*, (Editora Alaúde, 2019), como parte da coleção TED. Especialista na área de oncologia, seu laboratório tem como missão a descoberta de medicações inovadoras contra o câncer. Sua trajetória inclui a autoria do livro de não ficção *O imperador de todos os males* (Editora Companhia das Letras, 2012), com o qual venceu o Prêmio Pulitzer, em 2011, um dos prêmios mais prestigiados, além de publicar artigos científicos em importantes jornais na área de medicina.

Em *As leis da Medicina: anotações cotidianas sobre uma ciência incerta*, Mukherjee compartilha a ideia da medicina como ciência e que, como tal, precisaria ter leis, apontando que uma ciência com leis imutáveis é muito comum na física e na matemática, porém menos na química e raro na biologia. Esse assentamento se dá a partir da leitura do livro *A ciência mais jovem: notas de um observador da medicina*, escrito pelo também médico Lewis Thomas, que descreve seu período de estágio e residência na década de 1930 como aluno da Harvard Medical School.

Da reflexão de como evoluiu a medicina, em especial a clínica médica nos últimos anos, Mukherjee aduz o que considera as tais leis da medicina. Inicialmente, reconhece que seu livro trata de informações, imperfeições e incertezas.

Ademais, o autor problematiza que cerca de 25 anos atrás, quando chegava ao quarto ano da faculdade de medicina, tinha um enorme conhecimento adquirido, mas reflete que lhe faltava saber o que fazer com ele, o qual, aliás, está a um clique no computador no mundo de hoje. Mukherjee considera que

o desafio é ainda maior quando esse conhecimento vem acompanhado de dados “imperfeitos, incompletos e incertos”.

A partir de casos clínicos devidamente trabalhados, historicamente situados, relevantes e parafraseados — para garantir o anonimato dos pacientes e permitir a liberdade retórica do autor — e de um elaborado uso da clínica médica, genética e sobretudo da epidemiologia, o autor, ao anunciar suas leis, chama atenção para o que considera a chave do problema: a conciliação entre conhecimento (certo, fixo, perfeito, concreto) e a sabedoria clínica (incerta, fluida, imperfeita, abstrata).

Para Mukherjee, as três leis que regem a medicina são: 1) uma intuição forte é muito mais poderosa do que um exame fraco; 2) os normais nos ensinam regras, os “fora da curva” nos ensinam leis; e 3) para cada experimento médico perfeito, há um viés humano perfeito. Com sua robusta formação em oncologia, é natural que atraia sua atenção os aspectos genéticos e moleculares dos problemas dos pacientes. No entanto, isso não o impede de ter um aguçado olhar para o mundo ao redor do paciente.

Por fim, o autor encerra sua narrativa declarando que não há motivo para acreditar que só há três regras na medicina. Com uma erudição peculiar, de fácil compreensão, mas rigorosa, o autor cita Voltaire ao se referir aos médicos: “São homens que receitam remédios sobre os quais sabem pouco, para curar doenças que eles sabem menos ainda, em seres humanos a respeito dos quais eles não sabem nada”. Mukherjee conclui afirmando que a “ciência mais jovem é também a ciência mais humana”, portanto uma ciência de grande complexidade.